

SUBJETIVIDADE, POLÍTICA E GÊNERO: TRAJETOS DE UMA AUTORA NAS MARGENS DO IMPÉRIO

Cavalcante, Alcilene. *Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908)*. São Paulo, Intermeios, 2024, 230 pp.



Rafaela Cavalcante Gonçalves Souza Melo

Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, Programa de Pós-graduação em História.

Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras,

Instituto Interdisciplinario de Estudios e Investigaciones de América Latina.

rafaelamelo@discente.ufg.br

A tese de Alcilene Cavalcante, defendida em 2007, expõe um estudo comprometido com a recuperação da trajetória intelectual de Emília Freitas, escritora brasileira, de origem cearense, do século XIX, cujas obras ficaram à margem da historiografia literária brasileira. A partir de uma abordagem interdisciplinar entre literatura, história e estudos de gênero, Cavalcante desenvolve no livro de 2024 uma biografia literária com o intuito de reescrever Freitas no panorama cultural do período e nos convida a refletir quanto as condições das produções intelectuais de mulheres no período apresentado. Os capítulos estão organizados de maneira temática, com os eixos da produção intelectual, do engajamento social e político e da atuação pública de Emília Freitas.

O trabalho está dividido em três partes: “A poetisa da abolição”; “A peregrina das letras” e “A andarilha do bem”. Em cada um a autora traça um perfil de Emília Freitas, intercalando entre o registro histórico-documental e a criticidade da obra. O primeiro capítulo evidencia a atuação da autora nordestina como poeta e abolicionista, discutindo sua coletânea “Canções do Lar” (1891) à luz das experiências pessoais desta e do contexto político e social do Ceará no final do século XIX. O segundo capítulo apresenta uma Emília escritora, intelectual letrada, apresentando o romance “A Rainha do Ignoto” (1899), como uma narrativa que mistura elementos do maravilhoso, da utopia e da crítica social. Assim, no último capítulo, explora a dimensão espiritista e republicana de Freitas, apontando sua circulação entre

idades nortistas do Brasil e como sua participação fora ativa na publicação de jornais, na difusão e circulação de ideias libertárias à época.

A autora adota como referencial teórico-metodológico a reconstrução da(s) trajetória(s) de sujeitos históricos a partir de fragmentos, vestígios e pistas deixadas em diferentes tipos de registros. Esse procedimento se mostra eficaz diante da escassez de documentos formalmente vinculados a Emília Freitas, cujos dados biográficos muitas vezes estão dispersos ou incompletos. Oliveira complementa essa análise com discussões provenientes da teoria da biografia (Levi, Werneck), dos estudos de gênero (Duarte, Coelho), da crítica literária (Chartier, Compagnon, Jitrik) e da História Cultural.

O trabalho dialoga com eixos interessantes ao demonstrar como a obra da autora é permeada por questões de gênero, de classe, de raça e de religião. Embora situada na “periferia do Império” (recurso utilizado por Oliveira, a fim de desviar a atenção ao eixo oitocentista, como Rio de Janeiro, Recife e Salvador), Freitas mantinha uma atuação intelectual e política, sendo abolicionista, republicana, espiritista e feminista em um tempo em que o espaço público era rigidamente interditado às mulheres. Além da possibilidade de discutir as tensões entre ficção, autobiografia e escrita feminina.

O ponto chave é que a tese, no entanto, não se limita à revalorização de uma escritora esquecida: ao optar pela articulação entre micro-história e história cultural, Cavalcante também propõe uma reconfiguração dos espaços e sujeitos da história literária. A “periferia” no título possui então um sentido duplo: refere à marginalidade geográfica de Freitas e à sua marginalização simbólica como escritora em um sistema literário predominantemente masculino, sudestino e racionalista. Também demonstra habilidade ao evitar o reducionismo biografista; assim ao mesmo tempo que reconhece os traços autobiográficos presentes na obra de Emília a autora não trata como espelhos diretos da vida da escritora, mas como representações do eu e produções de si, as relações entre vida e obra não são simplesmente afirmadas, mas problematizadas.

A tese de 2007 deu origem à primeira edição do livro publicada em 2008, mantendo tanto a epígrafe quanto as dedicatórias originais. Essa edição torna acessível ao público mais amplo um estudo que circulava pelos meios acadêmicos. Como possível limitação, a tese dedica pouco espaço a uma análise formal dos textos poéticos, em um sentido técnico, concentrando mais em seus aspectos temáticos e contextuais. Essa escolha não compromete a qualidade, muito pelo contrário, a autora na edição de 2024 apresenta os poemas nos anexos, ressaltando a força de seu conteúdo político e simbólico. Uma

rede de personagens históricos cuja redescoberta revela tanto o interesse pelo passado quanto a busca por identidade no presente, deste modo colabora para uma leitura da pluralidade de formas e gestos que, mesmo no passado, se configuraram como práticas de resistência social. Ao recuperar a figura de Emília Freitas a autora vê, no estudo biográfico, um instrumento para a reconstrução de histórias silenciadas e para o entendimento das articulações entre memória, identidade e política. Ao reunir e preservar esse material poético fundamenta o compromisso da pesquisa com a restituição crítica da memória literária feminina –sem reduzir a autora à sua biografia, mas reconhecendo nela uma prática discursiva.

O interesse contemporâneo por personagens marginalizados do passado não é neutro, nele há uma busca por referenciais em um presente marcado pela massificação cultural e pelas crises. Ao colocar os poemas em anexo, Cavalcante não apenas apresenta a complexidade da trajetória de Emília Freitas, como também oferece ao leitor um verdadeiro panorama histórico literário de um Brasil posto à margem dos grandes centros. A autora expõe as tensões vividas por um país que, em pleno século XIX, tentava absorver padrões culturais eurocentrados em um movimento de adesão forçada aos valores e costumes que não lhe pertenciam.

Anos depois, em 2024, é publicada uma segunda edição, incluindo mais um prefácio escrito pela orientadora de Alcilene Cavalcante –gesto que demonstra não só a continuidade de um vínculo, mas também a importância do diálogo entre orientação, autoria e recepção acadêmica, indicando a relação entre professora e orientanda/discente como uma via de mão dupla–. A orientadora destaca a relevância de escutar o processo criativo da pesquisadora, valorizando o papel do professor como alguém que aprende ao acompanhar o desenvolvimento de seu orientando. Outro ponto de destaque da segunda edição é o posfácio assinado por Sarah Silvia Ipiranga, amiga próxima de Cavalcante. Em tom pessoal e afetivo, o texto traz uma das passagens mais marcantes dessa parte técnica e introdutória: “uma mulher apresentando à outra uma outra” (p. 19), redescobrimos mulheres do passado e as apresentando no presente. Esse ato amplia o sentido da obra.

Em suma, trata-se de uma pesquisa consistente, engajada e relevante, tanto para os estudos literários quanto para a história da cultura e os estudos de gênero. A obra de Alcilene Cavalcante de 2024 contribui não só para a recuperação da obra de Emília Freitas, mas para uma revisão crítica dos critérios de inclusão e exclusão na literatura brasileira. Uma leitura importante para quem se interessa pelos temas expostos até aqui. Sua abordagem

e o compromisso com a revisão deste lugar imposto às mulheres na história literária tornam esta tese um bom referencial para pesquisadoras e pesquisadores das humanidades e para aqueles que queiram conhecer e expandir seu referencial. A autora não só recupera a figura de Emília, como a reinscreve em uma tradição que desafia a canonização. Confirmando que o ato de escrever e publicar foi político.